

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Brasil

Class.: _____

Data: 16/12/84

Pg.: _____

Tribo Paracaná luta contra extinção

Belém — A 90 quilômetros de Marabá e sete da margem esquerda da Rodovia Transamazônica vivem cerca de 140 índios paracanás, cujo futuro nem os pajés da tribo podem prever. No passado, foram uma nação forte, mas pacífica. Em muitos anos, só uma vez os paracanás se revoltaram: foi em 1920, com o assassinato de uma pequena índia por trabalhadores da Estrada de Ferro Tocantins. Então, atacaram todos os brancos, expulsando os colonos de suas áreas e forçando os operários da ferrovia a recorrerem às armas para rechaçar os ataques.

Os paracanás estão nesta região desde o século passado e eram originalmente um povo nômade, vivendo da caça, pesca e pequenas lavouras. Contudo, sempre foram perseguidos, primeiro pelos assurínins, senhores da Reserva Tocará, depois pelas frentes de penetração dos brancos, mais tarde pelos gaviões e, finalmente, pela Eletronorte, segundo afirmam seus líderes.

Em 1920, depois do ataque em represália à morte da pequena índia, um posto

do antigo Serviço de Proteção ao Índio foi instalado na região para tentar atrair os paracanás. Mas os contatos definitivos só foram possíveis em 1970. Essa atração foi extremamente danosa para os índios, que se viram dizimados por "doenças de brancos". Dos 300 paracanás daquela época restaram 140, dos quais apenas 40 são homens preocupados com a sobrevivência da tribo.

Quem os visita tem a impressão de estar numa comunidade qualquer do interior da Amazônia, tal tem sido a descaracterização da tribo nos últimos anos. Em lugar das tanguas e vistosos cocares, trajam camisetas de meia, com inscrições em inglês ou propaganda de produtos industrializados. Os paracanás sonham, mesmo sem terra, em ainda construir uma aldeia igual a Mãe Maria, de seus antigos inimigos, os gaviões, a 60 quilômetros de Marabá. Os chefes Arakitan, Uiatí e Arakatu prometem lutar por esse ideal: "Queremos estrada, casa de madeira boa, demarcação da reserva e indenização da antiga área, escola e pista de avião na aldeia", explicam os líderes.

Antes, porém, querem sua antiga reserva de volta, mesmo sabendo que boa parte das terras ficará submersa pelo lago de Tucuruí.

— A Eletronorte nos enganou — assegura Uiatí. — Disseram que toda a área seria inundada e quando saímos colocaram colonos lá.

A tradição e a aparência pacíficas dos paracanás têm limite. E eles, há duas semanas, já demonstraram que, apesar de quantitativamente inexpressivos, são capazes de enfrentar os desafios que ameaçam a sobrevivência da tribo. Visitaram as 700 famílias assentadas na antiga reserva, avisando para se retirarem o mais rápido possível das terras. E ganharam assim novos aliados na luta pela normalização dos problemas fundiários na área da reserva. Os próprios colonos, amedrontados, estão pressionando a Eletronorte a encontrar uma solução: "Estamos entre as águas da represa e as flechas dos índios", dizem os colonos.

ANTÔNIO JOSÉ